



percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar

O CERRADO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIAS DE CAMPO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Lara Marques da Silva
Universidade de Brasília (UnB)
laramarques@gmail.com

Raquel da Costa do Nascimento
Universidade de Brasília (UnB)
raaquel.costa10@gmail.com

Resumo: O Cerrado como um domínio natural brasileiro que possui sua relevância nas relações entre o ser humano e o meio, dada sua alta diversidade em recursos físico-naturais. Criar afetividade e um sentimento de pertencimento a partir da interação humana torna-se possível com a aproximação que a Geografia Escolar pode trazer com os trabalhos de campo. Refletir apoiado nas experiências vividas sobre o Cerrado e suas abordagens nas aulas de Geografia do Estágio Supervisionado são os pontos de partida em que a discussão aqui foi baseada. O ensino da Geografia segue heranças enraizadas em forma de conteúdos decorativos e é dado por descrição, fragmentação e não associação da natureza com o homem. Problemática tal esta que provoca um distanciamento entre o aluno e o que é estudado em sala de aula, e a não criação de um significado. Vale então exaltar práticas que não atendem estas tendências e valorizam a aproximação dos conhecimentos geográficos com a realidade do aluno, como é visto no Projeto Cerrado Vivo. Seguindo o contexto do Distrito Federal e o Cerrado, lugar de vivência a ser trabalhado e construído pelos alunos, do Ensino Médio da rede pública de ensino, com a mediação da professora de geografia ao realizar-se os trabalhos de campo em conjunto às atividades desenvolvidas em sala de aula. Este estudo, em escala local, permite a construção do elo afetivo com o lugar, o que faz refletir e questionar a forma como os conteúdos geográficos são correntemente abordados.

Palavras chave: Cerrado; Estudo do Meio; Trabalho de Campo; Lugar de Vivência.

Introdução

O Cerrado se constitui em um domínio proeminente no território brasileiro; de um lado, por sua ampla diversidade florística e faunística, e por outro, pela forma a qual o homem se apropria desse espaço, transformando suas paisagens. É de grande importância que no ensino de Geografia seu entendimento seja dado de maneira integrada, aproximando suas características física-naturais de sua perspectiva mais social e humana, de modo a criar a possibilidade de atribuição de significado ao que está sendo aprendido.

Na Geografia Escolar, contudo, entende-se que ainda prevalece uma abordagem de caráter tradicional no ensino, especialmente no que tange aos componentes físico-naturais, que diretamente evidenciam-se no modo em que o Cerrado é retratado. Muitas vezes as paisagens cerradeiras são reduzidas a um tipo de fitofisionomia, normalmente associadas ao Cerrado *strictu sensu*, e não obstante, essa abordagem descritiva e fragmentada distancia-se da realidade do aluno.

A realização da pesquisa justifica-se, primeiramente, pela importância da reflexão quanto à prática docente, que deve ser alvo de constante construção e reconstrução, tendo em vista o processo de ensino aprendizagem. Sendo assim, ponderar sobre o Cerrado, alvo recorrente de ações antrópicas, é de pleno interesse para a construção do conhecimento de suas diversas facetas, e por conseguinte, de sua dimensão geográfica. Neste sentido, esta pesquisa objetiva refletir sobre o Cerrado e suas abordagens nas aulas de Geografia, a partir de experiências oriundas do Estágio Supervisionado.

Metodologia

A elaboração deste artigo foi norteada pelas observações e vivências construídas no Estágio Supervisionado do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, em uma escola da rede pública da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Neste sentido, a pesquisa desenvolvida, de caráter qualitativo, tem como objetivo refletir abordagens sobre o Cerrado nas aulas de Geografia.

As experiências do Estágio suscitaram diversas reflexões, especialmente durante a realização do Projeto Cerrado Vivo, desenvolvido pela professora regente da instituição. O

Projeto vincula-se principalmente a trabalhos de campo realizados em uma reserva particular na Área de Proteção Ambiental de Cafuringa. Neste período, foram acompanhadas turmas de 1º e 2º ano do Ensino Médio. Foram realizadas aulas de pré-campo, com o intuito de auxiliar os alunos participantes do Projeto, e atividades voltadas ao tema de solos e rochas, com uma oficina de pintura com solos. Também ocorreram dois trabalhos de campo, com ambos níveis escolares, com o propósito de entender aspectos naturais, sociais e políticos do Cerrado e sua região de estudo.

Para compreender a relevância da realização do Projeto no âmbito do ensino de Geografia, foi realizada uma revisão de literatura referente aos objetivos e metas da Geografia na formação de alunos, de modo a compreender como este componente curricular tem se apresentado em sala de aula com ênfase em conteúdos de aspectos físico-naturais, e por conseguinte, ponderar como reverberam no ensino sobre o Cerrado. Deste modo foi possível dar sustentação teórica para a análise da temática em face da experiência vivenciada no Estágio Supervisionado no segundo semestre de 2019.

As características da atividade desenvolvida permitiram sua análise pela ótica do estudo do meio descrito por Bueno (2009) e as etapas de planejamento descritas por Cavalcanti (2002 *apud* BUENO, 2009). Deste modo foi possível evidenciá-la como um procedimento teórico-metodológico para o ensino sobre o Cerrado em Geografia bem como a aproximação à realidade do aluno por meio do conceito de lugar.

Reflexões sobre as abordagens da Geografia Física e sobre o Cerrado em sala de aula

Na perspectiva escolar, considera-se essencial que a Geografia revele a relação entre a sociedade e a natureza, de modo a compreender como o sujeito dela faz parte e a transforma, e como resultado, proporcionar ao aluno a construção de uma série de conhecimentos e habilidades para o entendimento da realidade. Sendo assim, a formação de indivíduos que compreendem o mundo em sua dimensão geográfica, ao assumir uma mentalidade crítica e reflexiva, se constitui como uma meta a alcançar.

De modo geral, a ciência geográfica estuda o espaço como uma dimensão da realidade, um produto social e histórico, que torna possível entender e analisar a espacialidade das coisas no mundo (CAVALCANTI, 2008). Mas, conforme ressaltam Almeida, Júnior e

Aragão (2017), é difícil refletir sobre fenômenos espaciais sem cair em dualidades, dentre as quais destacam a dicotomia entre Geografia Humana e Física. E apesar das pesquisas na área de práticas de ensino em Geografia terem conquistado novas perspectivas e patamares, de superação de dicotomias, é sabido que a realidade muitas vezes distingue-se da teoria.

No contexto de preponderância da vertente Tradicional, há, na Geografia Escolar, um enfoque menor no homem em sociedade e seu espaço de atuação, e o meio físico fica em evidência, bem como a aparência dos fenômenos e sua respectiva observação, descrição e classificação (LEITE, 2002). A omitida relação do homem com a sociedade ganha destaque quando desponta a corrente Crítica, que agrega ao debate geográfico a perspectiva histórica-dialética. Assim, a Geografia Escolar Crítica deve levar à criticidade e engajamento.

Por outro lado, Louzada e Frota Filho (2017) destacam que no movimento de renovação da ciência geográfica, a prevalente corrente Crítica contestava os conhecimentos produzidos pela Geografia Física, que eram marcados pelo método sistêmico e positivista. Desta forma, se observam alguns indícios da desvalorização atual desta área no ensino. Mesmo nos livros didáticos, os conteúdos referentes à Geografia Física são apresentados de forma mais simplória e "decorativa", como pontuado pelos autores.

Certamente não se nega a contribuição do movimento da Geografia Crítica na renovação da ciência. Porém, é válido questionar: por que tal perspectiva crítica e indagadora do mundo não foi incorporada ao ensino dos componentes físicos do espaço, de modo a construir saberes mais significativos? Descrição, fragmentação e falta de associação da natureza ao homem são práticas ainda passíveis de observação nas salas de aula, apesar de tão contestadas durante a formação do professor (BUENO, 2009).

É possível afirmar também que outra problemática associada à fragmentação é a perpetuação de uma estrutura de ensino composta por partes estanques e sem relação entre si. Em outras palavras, nota-se que, referente às próprias temáticas da Geografia Física, pouco se correlacionam seus próprios elementos: o relevo é estudado por si somente, assim como o clima, a hidrografia, o solo, as formações vegetais, dentre outros. É necessário que o aluno compreenda que a natureza é dinâmica e que há interdependência entre todos seus componentes.

Em consequência, os conteúdos geográficos se distanciam da realidade do aluno e passam a ter cada vez menos significado. É importante que o professor, em sua prática,

busque meios para construir uma aprendizagem mais significativa. Neste sentido, é pertinente voltar-se para questões tal a qual pontuada por Bueno (2009, p. 186): "como trabalhar conteúdos relacionados à natureza e sua importância para o homem?". Suertegaray (1999 *apud* BUENO, 2009) defende a importância de se adotar um método indissociável no contexto escolar, que alcance um caminho único no tocante às dinâmicas da sociedade e da natureza.

Estas questões também acometem a maneira de como o Cerrado é tratado em sala de aula. Entende-se que ainda prevalece uma abordagem descritiva e fragmentada dos aspectos físicos do Cerrado, presa à sala de aula, e que por vezes restringe suas características a um tipo de fitofisionomia, normalmente associadas ao Cerrado *strictu sensu*: árvores tortuosas, raízes profundas, troncos grossos e folhas duras. Em contrapartida, "o cerrado é visto hoje como um patrimônio integrado de vida em que participam as classes de vegetação, as bacias hidrográficas, o relevo, o solo, o seu espaço, a sua cultura, os seus símbolos, a sua gente, a sua arte, os diferentes modos de vida que aqui se constituiu" (CHAVEIRO; CASTILHO, 2007, p. 2).

De acordo com Castilho e Chaveiro (2010), o interesse e o crescente número de pesquisas sobre o Cerrado, sob diferentes óticas, advém do fato de suas paisagens atualmente estarem profundamente alteradas. Brasília representa o marco do processo de interiorização do território brasileiro. Com isto, o Cerrado passa a sofrer influência de ocupação humana de forma mais intensa. Ademais, nota-se que a recente inserção de atividades econômicas extensivas a partir dos anos 1970 advindas dos processos de modernização do campo, deram origem a uma intensa supressão da vegetação do Cerrado em face da produção de commodities agropecuárias voltadas para o mercado externo (MMA, 2015, p. 11).

Ao Cerrado, "[...] coube o estigma de área desocupada, dotada de fauna e flora menos importante, e por isso, apropriada para ser considerada como 'zona de sacrifício'" (MMA, 2015, p. 11). Não obstante, de acordo com Bizerril (2001 *apud* BIZERRIL; FARIA, 2003), atualmente o Cerrado é percebido por boa parte da população brasileira como um ambiente pobre, destituído de beleza e utilidade para o homem.

Nota-se, então, a necessidade de que os educadores atuem na defesa e valorização do Cerrado, conforme apontam diversos autores (CASTILHO, CHAVEIRO, 2010). Neste sentido, entende-se que o Cerrado não deve se desassociar da realidade do aluno, e no

contexto do Distrito Federal, a abordagem se faz ainda mais essencial devido à presença da capital federal em meio ao Cerrado.

Uma das formas de aproximar os conhecimentos geográficos da realidade do aluno é agregando às práticas de ensino a esfera do lugar de vivência. Segundo Leite e Barbato (2011), o lugar é um conceito que evidencia-se nas experiências humanas do cotidiano, carregando referenciais individuais com significados únicos em um determinado momento da história, pois pode ser percebido de diversas perspectivas. Desta forma, as percepções sobre o Cerrado são construídas cotidianamente e em sala de aula, com a mediação do professor.

Assim, o ensino de Geografia revela-se como uma via privilegiada para esta finalidade, pois assume papel fundamental na formação de sujeitos habilitados a realizar leituras críticas da realidade; deste modo, deve possibilitar o entendimento de Cerrado “na sua variação, na sua multiplicidade e sob diferentes enfoques” (CHAVEIRO; CASTILHO, 2007, p. 3), de maneira que o ensino de Geografia transpasse as meras descrições da paisagem e que faça com que o aluno reconheça seu meio e se reconheça como sujeito de sua realidade.

O projeto Cerrado Vivo

No contexto do Distrito Federal, compreender o Cerrado pela ótica do lugar faz-se essencial justamente por sua coexistência no espaço. Nesta perspectiva, entende-se que o estudo do meio é um grande aliado. Segundo Bueno (2009, p. 188), o objetivo do estudo do meio no ensino é "mobilizar, em primeiro lugar, as sensações e percepções dos alunos no processo de conhecimento para, em seguida, proceder-se à elaboração conceitual".

A experiência do Estágio Supervisionado foi vivenciada no segundo semestre de 2019, em uma escola na qual a professora, cuja prática foi acompanhada, realiza há alguns anos o Projeto Cerrado Vivo, que busca aproximar o Cerrado à realidade dos alunos por meio da Geografia. Por conseguinte, conhecer o ambiente natural e entender a relação de dependência humana com o mesmo é um dos pontos justificativos do Projeto, o que levaria a relacionar conceitos da Geografia construídos pelos alunos, com finalidade de envolvê-los ao objeto aqui tratado, o Cerrado, ademais de criar sentimento de pertencimento e incentivo a torná-los sujeitos ativos no espaço em que estão inseridos.

O Projeto pode ser caracterizado como um estudo do meio, tendo em vista as atividades desenvolvidas. Na ótica de Cavalcanti (2002 *apud* BUENO, 2009, p. 188), a preparação, a realização do trabalho de campo e a exploração dele em sala de aula, constituem as etapas fundamentais do planejamento do estudo do meio, as quais serão consideradas para ponderar sobre o Projeto Cerrado Vivo:

1. a preparação: é importante a mobilização do aluno, a problematização do conteúdo, o contato com alguma representação do meio a ser estudado (textos, mapas, fotos).
2. a realização do trabalho: consiste na observação, registro, descrição e coleta de informações.
3. exploração do trabalho em sala de aula: o retorno à sala de aula é bastante importante, pois a partir da síntese e da exposição dos resultados pode-se dar continuidade à atividade.

A preparação para o estudo do meio é realizada principalmente em sala de aula. Diversas obras recorrentes em vestibulares de nível local e nacional, como músicas, artigos e documentários, são agregados às aulas para mediar conhecimentos sobre o Cerrado. Ademais, destaca-se também a elaboração de um diário de bordo, no qual há um enfoque maior em questões ambientais. O aluno deve apresentar conceito, causa, consequência e reversão de problemas que acometem a natureza, e relacionar efeitos no Cerrado.

A professora propõe que cada aluno participante estude algum tema relativo ao Cerrado para apresentar em campo, outra parte do processo de preparação do estudo do meio. Os temas sugeridos vão desde espécies animais e vegetais, até aspectos da hidrografia e geomorfologia da região e as fitofisionomias do Cerrado, além de questões contextuais do local onde foram realizados os trabalhos de campo. Foi possível acompanhar algumas partes do processo de estudo dos alunos em apresentações que precederam o trabalho de campo, com o intuito de revisar as informações por eles mesmo pesquisadas, orientando sobre quais alterações fazer e o que poderia vir a ser acrescentado para maior riqueza de dados a ser pronunciada posteriormente em campo.

O trabalho de campo é a peça principal do Projeto Cerrado Vivo. Entendido como a assinatura pedagógica da Geografia (HOVORKA, WOLF, 2009 *apud* FARIAS, 2019), a atividade baseia-se na "ressignificação de conteúdos geográficos ensinados no espaço escolar que por vezes são abstratos para os alunos" (FARIAS, 2019). Realizado em uma reserva particular na Área de Proteção Ambiental de Cafuringa, nas proximidades do Parque Nacional

de Brasília, o trabalho de campo reuniu cerca de 40 alunos em aproximadamente 12 horas de atividades (Mapa 1).

Em campo, a professora exerce o papel de observadora, apenas avaliando cada aluno e intervindo o mínimo possível durante a exposição do que foi pesquisado por cada um. No geral, os educandos assumiram o protagonismo, realizando suas apresentações com grande domínio do conteúdo e propriedade na fala. Contudo, notou-se que alguns alunos ficavam apreensivos para decorar informações e apresentá-las em poucos minutos, apesar de não ser o intuito da prática, o que demonstra que os próprios alunos, por vezes, são bastante ligados aos modelos mais tradicionais de ensino.

Apesar disso, foi em campo, também, que a criatividade dos alunos foi aguçada e onde foi lançado o desafio. As turmas de 2º ano ficaram incumbidas de coletar amostras de solos, fragmentos de rocha e matéria orgânica para composição de uma obra de arte, criada em um momento posterior ao campo, inspirada nas produções artísticas de Franz Krajcberg, de modo a somar-se às pinturas com tintas feitas a partir de solos.

A exploração do trabalho em sala de aula correspondeu à culminância do Projeto. Materiais coletados, fotografias, e as pesquisas dos alunos, convertidas em cartazes, foram postas na Exposição Cerrado Vivo. Ademais disso, como fruto do próprio desenvolvimento do Estágio Supervisionado, foram expostos quadros oriundos de uma aula sobre rochas e solos, a partir da qual foi realizada uma oficina de pintura com tintas feitas a partir de uma mistura com solos. Com as amostras de solos, disponibilizadas pelo Laboratório de Geografia Física da Universidade de Brasília, cores diversas – vermelha, vermelha-amarela, cinza, preta, amarela, dentre suas variações – foram utilizadas para criar obras artísticas sobre o Cerrado. Desse momento vivido pelas turmas de 1º ano, saíram representações típicas da vegetação, algumas espécies icônicas do Cerrado, como o ipê amarelo, que floresce na seca brasiliense, além do lobo-guará, tatu e onça pintada.



Figura 1: Mapa do Trabalho de campo na APA de Cafuringa - DF.
 Fonte: elaborado por Gustavo Tolentino em parceria com as autoras, 2020.

A abertura da Exposição do Projeto contou com apresentações artísticas dos alunos no auditório da escola, incluindo trabalhos autorais, tais como poemas e músicas. Houve a presença de alunos do turno contrário e de outras turmas e anos, convidados advindos de outras escolas da região, da Universidade de Brasília e a própria comunidade escolar. Observou-se que foi um momento de grande interação entre todos os que participaram do projeto desde a etapa de seu planejamento.

Considerações finais

A Geografia apresenta grandes contribuições na formação de alunos com um olhar mais interpretativo sobre a realidade. Por este motivo se torna tão necessário que o professor investigue maneiras de construir conhecimentos geográficos que possam subsidiar uma compreensão mais integrada dos aspectos naturais e humanos do espaço ao seu redor.

A princípio, nota-se a necessidade de que a mediação didático-pedagógica abarque tanto questões ambientais, tendo em vista a obrigatoriedade por Lei do desenvolvimento da prática de Educação Ambiental de maneira transversal, quanto sociais, mostrando que a consumação de um ensino crítico de Geografia Física é possível. Desta forma, se revela a possibilidade de superar um ensino que distancia o homem dos componentes físicos da natureza, e aqui especificamente do Cerrado.

Neste sentido, observa-se a grande relevância na dimensão do lugar e das vivências dos educandos no ensino de Geografia, a qual pode ser igualmente incorporada no tocante aos aspectos físicos da natureza. Assim, as barreiras de um aprendizagem descritiva vão sendo quebradas tendo em vista que os conhecimentos geográficos passam a ter maior relação com o que é vivido pelo aluno, pois acontece uma aproximação entre o sujeito e o objeto de estudo. No contexto do Distrito Federal, pela potencialidade de compreender o Cerrado na escala local, algumas alternativas envolvem o trabalho com as percepções dos alunos em relação às paisagens cerradeiras e até mesmo espaços nas proximidades da escola.

O sentimento de pertencimento advindo da relação do indivíduo com o lugar traz àqueles indivíduos construção de valores e atitudes, e aquilo que Yi-Fu Tuan (1980) classifica como *Topofilia*: o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. A afetividade, então, criada pelos alunos com lugar é concebida ao conhecer o Cerrado, ao percebê-lo com todos os seus sentidos em uma perspectiva de cuidado e preservação do Cerrado.

Os estudos do meio também merecem destaque nesta perspectiva, como o experienciado no Estágio Supervisionado. No Projeto Cerrado Vivo, foi possível observar uma prática modelo, consistente e bem sucedida para ensinar e aprender sobre o Cerrado, tanto em sua preparação e desenvolvimento quanto na apresentação de resultados, tendo em vista a grande mobilização de alunos que assumem protagonismo em campo e se dedicam a mostrar seus trabalhos na Exposição. Ademais, notou-se que sua realização certamente é coadjuvante na formação de um sentimento de pertença e identidade nos alunos, e no aprendizado de Geografia.

Por fim, é interessante refletir na intencionalidade do conteúdo abordados em sala de aula, e neste sentido, questionar que conceito de Cerrado se pretende formar com os alunos. Desta forma, torna-se possível criar estratégias de ensino que aproximem os educandos não

somente dos conteúdos, mas também do ambiente que os cerca, se reconhecendo em seu espaço, e assim alcançando os pressupostos de uma educação mais geográfica.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, D. L. R. de; JUNIOR, G. da S. L.; ARAGÃO, W. A.. O raciocínio geográfico no ensino de Geografia: alguns apontamentos teórico-metodológicos. In: ENCONTRO ACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA, 13., 2017, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: IGC, 2017, p. 1331-1342.
- BIZERRIL, M. X. A. FARIA, D. S. A escola e a conservação do Cerrado: uma análise no Ensino Fundamental do Distrito Federal. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. v. 10, n. 1, p. 19-31, jan./jun. 2003.
- BUENO, M. A. A importância do estudo do meio na prática de ensino em Geografia Física. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 29, n. 2, 185-198, jul./dez. 2009.
- CASTILHO, D; CHAVEIRO, E. F. Por uma análise territorial do Cerrado. In: PELÁ, M.; CASTILHO, D. **Cerrados perspectivas e olhares**. Goiânia: Vieira, 2010. 182p. p.35-50.
- CAVALCANTI, L. de S. Concepções de Geografia e de Geografia Escolar no mundo contemporâneo. In: **A geografia Escolar e a Cidade: Ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papirus, 2008.
- CHAVEIRO, E. F.; CASTILHO, D. Cerrado: patrimônio genético, cultural e simbólico. **Revista Mirante**, v. 2, n.1. Pires do Rio - GO: UEG, 2007.
- FARIAS, R. C. de. O trabalho de campo na perspectiva de ensino de Geografia: uma revisão crítica a partir do cenário internacional. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 9, n. 17, p. 181-198, jan./jun., 2019.
- LEITE, C. M. C. Geografia no Ensino Fundamental. In: Universidade de Brasília/ Departamento de Geografia, **Coleção Espaço & Geografia**, v.5, n. 2 , Gestão Urbana e Regional, Brasília: 2002
- LEITE, C. M. C.; BARBATO, S. Reflexões sobre a construção do conceito de Lugar na escola contemporânea. **Espaço & Geografia**, v.14, n. 2, 2011, 225-255.
- LOUZADA, C. de O.; FILHO, A. B. da F. Metodologias para o ensino de Geografia Física. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 8, n. 14, p. 75-84, jan./abr. 2017.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Mapeamento do Uso e Cobertura do Cerrado: Projeto TerraClass Cerrado 2013**. Brasília, 2015.
- TUAN, Y. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.